

RECIICLA

Viagens sem pegada
Descobrir o mundo em respeito
pela natureza

Eco design

Peças originais que aliam
um novo conceito à estética:
a sustentabilidade



Fazedor da mudança

Miguel Martins apoia boas ideias em
nome do empreendedorismo social

ELES JÁ ANDAM AÍ!

APÓS VÁRIAS TENTATIVAS, OS CARROS ELÉCTRICOS VIERAM PARA FICAR.
COM MÍNIMO IMPACTO, MÁXIMO CONFORTO E CRESCENTE AUTONOMIA, NÃO SÃO
A SOLUÇÃO DO FUTURO, MAS DO PRESENTE



A reciclar por um mundo mais verde

15 anos para celebrar no presente o que já conseguimos pelo futuro. A transformar a sociedade tornando-a mais sustentável, promovendo a responsabilidade ambiental, através da reciclagem de embalagens. Com a continuada colaboração de todos os nossos parceiros, o Mundo poderá ser mais verde. A todos, obrigado.

Segundo os resultados do Eurobarómetro de 2010, mais de metade da população portuguesa é inactiva (55%). Um estudo da Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa revela que 77% dos homens não faz exercício físico, valor ligeiramente mais baixo no sexo feminino (64%). Também as crianças fazem menos actividade física do que o desejável – apenas 30% praticam uma hora de exercício por dia, tempo recomendado para os mais novos.

Os benefícios do combate ao sedentarismo são inúmeros: redução do risco de AVC, de hipertensão, cancro da mama e cólon, ou diabetes. Agora que chegaram os dias de sol, não tem mesmo desculpa: mexa-se! Actividades não faltam.



Ilustração: Rita Sales Luís

A RECICLA
é impressa em
papel reciclado
e tintas
ecológicas

RECICLA

EDITORIAL

A AJUDA DE TODOS É PRECIOSA

Talvez a principal missão da RECICLA seja reflectir na questão da responsabilidade individual em busca de um mundo melhor. A nossa equipa acredita que é possível mudar o mundo sem ser uma grande empresa ou ter poder político. Acredita que praticamente qualquer um – não importa o salário, o tempo disponível, a idade ou as habilidades pessoais – pode fazer algo de útil pelo planeta, ajudando a criar um mundo limpo e mais sustentável.

Eis a mensagem desta quarta edição da RECICLA: todos podemos – melhor dizendo, devemos – iniciar um processo de transformação do mundo, ainda que apenas com pequenos gestos, como reciclar todo o tipo de embalagens, conduzir um carro eléctrico ou aproveitar os resíduos domésticos para compostagem. Estes são alguns dos temas desta quarta edição, a que juntamos outros, como o eco-design, que alia à estética e funcionalidades dos produtos uma preocupação com a preservação do ambiente; ou as viagens sustentáveis, artigo que prova que é possível viajar reduzindo o impacto ambiental e tendo preocupações com as comunidades locais.

Leia as reportagens desta edição e não deixe de pensar nos assuntos. Pelo caminho, divirta-se! E, já agora, envie-nos as suas sugestões para info@pontoverde.pt para, juntos, criarmos, uma “conspiração” de gestos sustentáveis, replicáveis por cada vez mais pessoas, acreditando que todos podemos fazer a nossa parte. Porque não queremos cometer o erro de nada fazer só porque pensamos que podemos fazer pouco... **R**

SUMÁRIO

N.º 4 JUNHO - AGOSTO 2011
www.pontoverde.pt

8

Reportagem

As marcas já se renderam aos carros eléctricos. Este ano chegam mais modelos

18

Tendências Eco

O design ambiental está na moda. Elegância com sustentabilidade

22

Rosto

Miguel Martins multiplica boas práticas para um mundo mais justo

28

Eco Empreendedores

Sim, é possível fazer compostagem em casa. A Horta da Formiga diz-lhe como

32

Atitude

Reciclar é simples. Um guia prático para acabar com ideias feitas

5

Ponto Verde

14

Pequenos Gestos

27

Planeta Verde

36

Lazer Sustentável

42

Sustentabilidade é



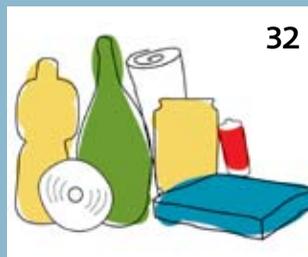
18



22



8



32

Recicla/Ficha Técnica

Propriedade: Sociedade Ponto Verde SA, Morada: Rua João Chagas, 53, 1.Dto, 1495-764 Cruz Quebrada, Dafundo, Tel: 210 102 400, Fax: 210 102 499, www.pontoverde.pt, info@pontoverde.pt, NIF: 503 794 040, Director: Mário Raposo, Directora-adjunta: Teresa Cortes

Edição: Have a Nice Day - Conteúdos Editoriais, Lda., www.haveaniceday.pt, info@haveaniceday.pt, Tel: 217 950 389 Directora: Ana Rita Ramos, Editora: Teresa Violante, Redacção: Miguel Amaral Monteiro, Sara Raquel Silva, Paginação: Rita Sales Luís, Fotografia: Agência Fotográfica Filipe Pombo, Corbis, Impressão: Lisgráfica - Impressão e Artes Gráfica SA, Tiragem: 60.000 exemplares, Depósito Legal: 215010/04, ICS: 124501 A RECICLA é impressa em papel reciclado com tintas ecológicas. Depois de a ler, dê-lhe um final ecológico: partilhe-a com um amigo ou coloque-a no ecoponto azul. ♻️

sociedade
pontoverde

have
a
nice
day



“Catadores” de lixo e de sonhos

A localização é privilegiada: Baía de Guanabara, frente à estátua do Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. Mas isso pouco importa – é o amontoado de toneladas de lixo que todos os dias ali são descarregadas que marca a paisagem. O Jardim Gramacho é uma das maiores lixeiras a céu aberto da América do Sul, e talvez a mais famosa do mundo, após a exibição do premiado documentário *Lixo Extraordinário*, com direcção conjunta de João Jardim, Karen Harley e Lucy Walker. Mas o Jardim Gramacho é também um lugar surpreendente, onde subsiste a dignidade humana e a vontade de sonhar.

A lixeira foi o local escolhido pelo artista brasileiro Vik Muniz para realizar mais um dos seus trabalhos: criar fotografias utilizando pessoas e os materiais do local onde vivem e trabalham. Os “catadores” de lixo, gente que remove diariamente da lixeira cerca de 200 toneladas de resíduos para reciclagem, tornaram-se imediatamente nos protagonistas do seu trabalho e do documentário que daí nasceu. É o caso de Tião, jovem presidente da Associação de Catadores do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, que luta por melhores condições para os catadores, ou de Zumbi, intelectual da lixeira, que reúne os livros que ali encontra e já montou uma biblioteca, ao serviço da comunidade. Porque a força humana é ilimitada. E o poder dos sonhos também.





Felicidade a cores

Uma tela gigante e colorida convida quem passa na Avenida 24 de Julho, em Lisboa, a sentir a felicidade. Um grupo de 12 alunos do Instituto de Artes Visuais, Design e Marketing (IADE), que se situa próximo do local onde foi instalada a tela, aceitou o desafio da Dyrup: dar cor e forma ao mote da marca, “Happy colors, happy life”. A Dyrup forneceu as tintas e a agência Leo Burnett, que se associou à iniciativa, as técnicas de criatividade e o coaching. Num dia de trabalho os estudantes soltaram as rédeas da imaginação, tiveram contacto com os profissionais da área que pretendem seguir e deram cor e inspiração à vida de muitos transeuntes. A tela estará exposta durante um ano.



Protecção em estado líquido

Porque quando se ama, cuida-se, a SIMTEJO, empresa concessionária do Saneamento Integrado dos Municípios do Tejo e Trancão, lançou o site Ama a Água (www.ama-a-agua-simtejo.com). Desenvolvido no âmbito do programa educativo que lhe dá nome, é uma plataforma de informação sobre o recurso hídrico – dos problemas que o ameaçam ao funcionamento de estações de tratamento de águas residuais –, e sensibilização para um uso eficiente. Disponibiliza ainda materiais pedagógicos para download, vídeos e sugestões de sites relacionados com a temática. Um programa com o apoio do Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente (GEOTA).



Automobilistas de bicicleta

Em nome da mobilidade inteligente e sustentável surgiu o Biciauto, Clube Português de Automobilistas Utilizadores de Bicicleta, com sede em Lisboa. Defensor de medidas de acalmia do tráfego e da boa convivência entre condutores, ‘ciclistas’, peões e utilizadores de transportes públicos, tem como objectivo concretizar medidas que promovam o uso da bicicleta como alternativa ou complemento ao automóvel em meio urbano. Sessões de esclarecimento e sensibilização, e organização de cursos de formação na área da prevenção e segurança rodoviária e utilização da bicicleta na cidade são algumas das acções previstas pelo Biciauto.



Foto C. Goldsmith



Cientista Português recebe bolsa para curar a SIDA

João Gonçalves, investigador da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa e do Instituto de Medicina Molecular (IMM), recebeu um financiamento de 67 mil euros da Fundação Bill & Melinda Gates para desenvolver um método inovador de combate ao vírus da SIDA/HIV.

O projecto do investigador português visa desenvolver nano partículas capazes de reconhecer células infectadas pelo vírus e de destruí-las por meio de toxinas. “Caso o projecto apresente resultados satisfatórios poderá receber novo financiamento, de cerca de 670 mil euros, com vista a proceder a testes e à produção em larga escala das nano partículas”, informou o IMM em comunicado.

Recicle um telemóvel, salve um primata

O Jardim Zoológico de Lisboa aderiu à campanha “Um Último Grito pelos Primatas!”, dinamizada pela Associação Europeia de Zoológicos e Aquários (EAZA), que tem como objectivo contribuir para a conservação de hominóides, isto é, de 16 espécies de gibões e seis de grandes primatas (chimpanzés, gorilas e orangotangos). Todas estas espécies estão ameaçadas e em perigo de extinção. Por exemplo, a população de gibão-de-hainan conta apenas com 20 indivíduos em habitat natural e a de gorila-do-rio-cross (na foto) não ultrapassa os 400 animais.

A TMN Kids também se juntou à iniciativa e doará um euro por cada telemóvel entregue para reciclagem no Jardim Zoológico de Lisboa. Também pode contribuir para esta campanha ligando para o número de telefone 760 78 20 30. O custo da chamada é de 0,60€ + IVA, valor que reverte para o fundo de conservação de primatas.



Foto Julie Langford

Carros poluentes fora da Baixa de Lisboa

Os carros com matrícula anterior a Julho de 1992 não poderão circular na Baixa de Lisboa (eixo Av. da Liberdade – Terreiro do Paço) nos dias úteis, das 8:00 às 20:00, já a partir do dia 4 de Julho. A restrição de circular nesta Zona de Emissões Reduzidas (ZER) assenta na norma europeia de emissões e insere-se no Programa de Melhoria da Qualidade do Ar da Região de Lisboa e Vale do Tejo. Com esta medida a Câmara Municipal de Lisboa espera reduzir as emissões poluentes para metade nesta área da cidade. A decisão da autarquia contempla algumas excepções, como carros anteriores a Julho de 1992 que tenham instalado um catalisador (para filtrar gases tóxicos); transportes públicos; veículos de emergência e de pessoas com mobilidade reduzida; carros históricos; e carros de residentes. Os taxistas com carros anteriores a Julho de 1992 têm até ao final do ano para instalar um catalisador ou trocar de veículo.

A Câmara Municipal de Lisboa estenderá a restrição ao resto da cidade a partir do início de 2012.

ELES JÁ ANDAM AÍ

HÁ 100 ANOS OS CARROS ELÉTRICOS DOMINAVAM A INDÚSTRIA AUTOMÓVEL, MAS EM 1930 DESAPARECERAM. AGORA ESTÃO DE VOLTA, NÃO CHEGAM PARA AS ENCOMENDAS, E JÁ NINGUÉM DUVIDA QUE VIERAM PARA FICAR.

Texto Miguel Amaral Monteiro

Fotos cedidas



O Nissan Leaf é o Carro Europeu do Ano 2011 e o Carro Mundial do Ano 2011. “Este cinco lugares, cinco portas, é o primeiro modelo totalmente concebido de raiz para ser um veículo eléctrico de produção em série. Tem autonomia superior a 160 quilómetros, leva oito horas a ter carga total e emite zero gramas de CO₂. O seu baixo centro de gravidade permite um comportamento excelente, praticamente isento de sub-viragem ou rolamento de carroçaria. As boas notícias? Parece um carro normal, mas ainda mais silencioso”, justifi-

cou o júri do prémio Carro Mundial do Ano 2011.

Pela primeira vez estas distinções foram atribuídas a um veículo 100% eléctrico. “Tal como anteriores vencedores, o Nissan Leaf é um carro atractivo e competitivo, sem comprometer o estilo, a segurança, a performance e a condução”, referiu Carlos Ghosn, presidente da Nissan Motor Company, na cerimónia de entrega do prémio Carro Mundial. E acrescentou: “No entanto, destaca-se por ser um carro inovador que reflecte uma visão clara sobre o futuro dos transpor-

tes – uma visão de mobilidade sustentável”.

Esse futuro está cada vez mais próximo à medida que os construtores de automóveis vão apresentando os seus modelos eléctricos. Em Portugal, tanto a Nissan como a Mitsubishi, que fabrica o i-MiEV, entregaram os primeiros carros eléctricos em Dezembro de 2010. No início do ano foi a vez da Citroen e da Peugeot, que comercializam modelos gémeos do i-MiEV, o C-Zero e o iOn, respectivamente. Em Outubro a Renault entra em cena com a berlina Fluen-



Em 2011, o Leaf, carro eléctrico da Nissan, foi eleito Carro Europeu do Ano e Carro Mundial do Ano

Até ao final de 2011 a Mobi.E, Rede Nacional de Mobilidade Eléctrica, terá 1.300 postos de abastecimento normal e 50 postos de abastecimento rápido



ce Z.E. (zero emissões) e o comercial Kangoo Z.E. A marca francesa aposta numa gama completa de veículos eléctricos e no final do ano, ou no início de 2012, comercializará o Twizy Z.E., de dois lugares, considerado como uma alternativa mais segura do que as tradicionais scooters. Em meados de 2012 chega o Zoe Z.E., cidadão polivalente de dimensão semelhante à do Clio, mas com design futurista.

Em breve outros construtores trilharão o caminho eléctrico. Basta ver o que se passou em Março no Salão Automóvel de Genebra, onde a maioria das novidades foram carros híbridos ou eléctricos – até a luxuosa Rolls Royce apresentou o 102 EX, versão 100% limpa do modelo Phantom. As marcas justificam esta estratégia pelo aumento do preço dos combustíveis e pela crescente consciência ambiental dos clientes. Mas há também a necessidade de ir ao encontro das metas para reduzir a emissão de gases com efeito de estufa. Por exemplo, o Governo português

pretende que, em 2020, os carros eléctricos perfaçam 10% do parque automóvel. O Governo alemão estabeleceu a meta de um milhão de veículos com zero emissões para a mesma data. Em Março deste ano o Comissário Europeu dos Transportes foi mais longe e

SE CARREGAR O CARRO ELÉCTRICO DURANTE A NOITE GASTARÁ POUCO MAIS DE UM EURO PARA FAZER 100 QUILÓMETROS

propôs o fim dos carros com motor de combustão para 2050.

A QUEM SE DESTINAM?

Os veículos eléctricos não emitem gases poluentes. Por isso são a escolha acertada para quem tem preocupações ambientais, mas necessita de se deslocar de automóvel. No entanto, quem pensa em comprar um carro eléctrico deve

considerar outros aspectos. Um deles é a autonomia da bateria, que varia entre 120 e 160 km, consoante o modelo e o tipo de condução. Ora, na Europa, 87% das viagens diárias são inferiores a 60 km e 32% dos condutores nunca fazem trajectos superiores a 150 km. Assim, é seguro dizer que o carro eléctrico é adequado para quem vive a menos de 50 km do local de trabalho. Outro aspecto a ter em conta é a possibilidade de carregar as baterias à noite numa garagem. Porquê? As baterias demoram seis a oito horas a carregar. Fazendo-o de noite, com tarifa bi-horária, estes carros gastam pouco mais de um euro para fazer 100 km. É certo que a rede piloto de mobilidade eléctrica disponibilizará 1.300 postos de carregamento normal e 50 postos de carregamento rápido até ao final do ano, mas aí a energia será mais cara.

O preço do veículo é outro factor a ter em conta. Os primeiros cinco mil compradores beneficiam de um subsídio de 5.000 euros por

parte do Estado. Quem tiver um carro para abate pode deduzir mais 1.500 euros. Além disso os carros eléctricos estão isentos de imposto único de circulação e de imposto sobre veículos. Mais. A aquisição de veículos eléctricos por pessoas colectivas permite deduzir em sede de IRC.

Os carros eléctricos não são baratos. Por exemplo, o Nissan Leaf custa 35.990 euros e o Mitsubishi i-MiEV custa 35.250 euros (os valores não incluem o subsídio de 5.000 euros). Porém, além do baixo consumo têm a vantagem de necessitarem de pouca manutenção, pois não incluem componentes presentes nos carros com motor térmico, como velas, óleo, filtros, etc.

O preço elevado deve-se ao custo

das baterias, que representa metade do valor do veículo. Os construtores acreditam que, a curto prazo, as baterias serão significativamente mais baratas. Por isso a Renault optou por alugá-las. “É uma opção lógica que permite diluir o custo ao longo do tempo. As baterias duram cerca de oito anos. Os clientes só pagarão a bateria enquanto tiverem o carro. Se ela avariar, recebem uma nova”, explica Ricardo Oliveira, director de comunicação da Renault Portugal. Assim, o Fluence Z.E estará à venda por 27.000 euros (22.000 com subsídio), mais 79 euros mensais pelo aluguer da bateria.

Se as virtudes ambientais e o baixo consumo não o convenceram saiba que conduzir um destes carros

eléctricos é um prazer, tanto pelo silêncio, como pelas mudanças automáticas, ideais para o trânsito citadino. Além disso, como o motor é eléctrico, o binário máximo está sempre disponível, permitindo acelerações elevadas em qualquer rotação. Como disse um dos jurados do prémio *Carro Europeu do Ano 2011* a propósito do Nissan Leaf: “Já vi muitos cínicos mudarem completamente de opinião depois de o conduzirem”.

NAS ESTRADAS LUSAS

Em Portugal circulam 35 Nissan Leaf. “Primeiro entregámos carros a empresas e depois a particulares”, informa António Pereira Joaquim, director de comunicação da marca nipónica. Este ano



Já circulam em Portugal 20 Mitsubishi i-MiEV. A marca nipónica espera vender 100 unidades até ao final do ano

REPORTAGEM

O Renault Twizy Z.E. é apontado como uma alternativa mais segura do que as tradicionais scooters. Chega ao mercado no final do ano ou no início de 2012



a Nissan produzirá 20 mil Leaf, quantidade que não será suficiente para responder às 27 mil reservas a nível mundial. “Só nos Estados Unidos temos 17 mil encomendas”, refere o director de comunicação. A marca aposta forte nos veículos eléctricos e, em 2013, produzirá 200 mil Leaf e terá dois novos modelos: o comercial NV200 e um carro de luxo da gama *infiniti*. O carro eléctrico da Mitsubishi, o i-MiEV, também já percorre as estradas nacionais. “Até ao momento entregámos 20 carros e esperamos vender 100 unidades até ao final do ano”, comunica João Viegas, relações públicas da Mitsubishi Portugal. A empresa japonesa ini-

ciou a produção do i-MiEV em 2009 e, até ao final de 2010, fabricou e vendeu 11 mil unidades. A partir de 2012 produzirá 40 mil carros por ano. O sucessor do i-MiEV chegará ao mercado em 2014 e será uma versão 100% eléctrica do modelo Global Small. “A Mitsubishi terá também um SUV plug-in híbrido, com uma bateria com autonomia para algumas dezenas de quilómetros e carregável na tomada eléctrica”, partilha João Viegas. Além do Citroen C-Zero e do Peugeot iOn já há outros veículos eléctricos nas estradas portuguesas, como o REVA-i, um quadriciclo com 2,64 metros de comprimento, velocidade máxima de 80 km/h e

autonomia entre 80 a 120 km, e o Smart Fortwo Electric, disponível para empresas através de leasing.

À TERCEIRA É DE VEZ

Modelos como o i-MiEV, Leaf ou Fluence Z.E ultrapassaram os constrangimentos apontados aos carros eléctricos, tais como pouca fiabilidade, baixa velocidade, escassa autonomia e elevado custo dos primeiros protótipos. Mas porquê só agora? A verdade é que esta é já a terceira vida dos carros eléctricos. O primeiro veículo eléctrico foi construído nos anos 30 do século XIX. No virar do século e até 1920 estes carros reinaram sobre os concorrentes movidos a gasolina ou a vapor. Não tinham mudanças nem o cheiro, a vibração e o ruído produzidos pelos carros a gasolina.

Depois tudo mudou. A descoberta de petróleo no Texas reduziu o preço da gasolina e a produção em massa da fábrica Ford baixou o custo dos carros com motor de combustão. Resultado: a indústria de carros eléctricos desapareceu em 1930.

Foi preciso esperar 60 anos até que o Conselho de Qualidade do Ar da Califórnia (CARB) criasse um programa cujo objectivo era que, nas estradas deste Estado norte-

Em Outubro chega a Portugal o Renault Kangoo Z.E., comercial 100% eléctrico



As baterias eléctricas carregam durante a travagem. A caixa do Mitsubishi i-MiEV permite otimizar esta função



-americano, circulassem apenas veículos com zero emissões de gases. Vários construtores responderam à chamada. Por exemplo, a General Motors (GM) apresentou o EV1 e a Toyota o RAV4 EV. Contudo, a GM, a Toyota e a Chrysler recorreram ao Tribunal Federal e processaram o CARB. A maioria dos construtores não promoveu os veículos e, em vez de os venderem, criaram uma modalidade especial de leasing. Quando o CARB recuou nas medidas implementadas a GM recolheu e destruiu todos exemplares. As outras marcas tiveram estratégia igual, com excepção da Toyota, que ainda dá assistência a centenas de RAV 4 EV que estão na posse de particulares.

No documentário *Quem matou o carro eléctrico?* (2006) o realizador Chris Paine aponta vários culpados, como aqueles que processa-

ram o CARB. Entre eles figuram os construtores de automóveis, a indústria petrolífera e membros de destaque da administração Bush, que foram directores de empresas petrolíferas e do ramo automóvel. Paine refere que as petrolíferas temiam perder, durante as próximas décadas, triliões de dólares. E acusa-as de terem comprado patentes das baterias de níquel-hidreto metálico para impedirem que fossem usadas em carros eléctricos. O documentário sugere ainda que os construtores boicotaram o novo fôlego dos carros eléctricos por estes necessitarem de menos manutenção.

O que mudou? Vários factores, como a subida do preço do petróleo, as políticas que obrigam a uma redução da emissão de gases com efeito de estufa, a crescente sensibilização da opinião pública para as

questões ambientais e o impulso dado pela indústria dos telemóveis. Como admite João Viegas: "A produção de um carro como o i-MiEV só foi possível graças ao desenvolvimento das baterias para os telemóveis".

SUSTENTÁVEL, MAS...

Para já, a oferta de carros eléctricos é reduzida e não chega para as encomendas. O número de veículos com zero emissões a circular em todo o mundo aumentará brevemente à medida que outros construtores comecem a produzi-los em série e, principalmente, quando o preço das baterias baixar de maneira significativa. No entanto, as virtudes ambientais destes veículos só se manterão se a electricidade que os alimenta for produzida através de fontes de energia renováveis, como o Sol e o vento. **R**



O Tesla Roadster é um desportivo 100% eléctrico. Custa 100 mil euros, vai dos 0 aos 100 km em 3,7 segundos, atinge os 200 km/h e tem autonomia de 350 km



WALT DISNEY DEFENDE O PLANETA

A WALT DISNEY LANÇOU UM PROJECTO ONLINE QUE SENSIBILIZA OS MAIS NOVOS A PROTEGER O PLANETA E QUE, EM PARALELO, DOOU UM MILHÃO DE DÓLARES PARA CAUSAS AMBIENTAIS EM 15 PAÍSES.

Texto Sara Raquel Silva

Fotos cedidas



Em casa, desligar sempre as luzes e o aquecimento quando não necessários



Reduzir o tempo do duche é uma das medidas que garante este crachá



Partilhar o automóvel com os amigos reduz as emissões de CO₂



Embalagens de vidro, plástico, metal e papel só têm um final de vida: o ecoponto

De pequenino se torce o pepino. O ditado popular não se aplica apenas a terras portuguesas, tanto que The Walt Disney Company lançou “Friends for Change: Project Green”, projecto que convida os mais novos a unirem-se online para ajudar o ambiente em quatro áreas diferentes: clima, água, reciclagem e habitat.

O procedimento é simples: basta aceder ao site www.disney.pt/friendsforchange e fazer o login. De imediato todas as crianças podem aprender métodos práticos para preservar o planeta, honrar compromissos para tomar medidas ambientalmente amigáveis tais como reutilizar uma garrafa de água na escola, usar cadernos feitos de papel reciclado ou seguir estratégias de poupança energética em casa. À medida que vão terminando as tarefas, ganham crachás virtuais que validam o quanto as suas acções têm ajudado o planeta.

Mais: através da comunidade online os jovens podem convidar outros amigos a participar nesta iniciativa recentemente lançada em Portugal, mas já popular no Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Espanha, Escandinávia e Polónia.

Os números demonstram que, todos juntos, podemos fazer a diferença. Desde 2009 foram alcançados dois milhões de compromissos, que resultaram na economia de 120 milhões de litros de água por mês, 70 mil toneladas de emissões de carbono por ano e na reciclagem anual de 2.400 quilos de resíduos. A Walt Disney disponibiliza ainda um milhão de dólares anuais passíveis de serem doados entre 41 projectos ambientais em 15 países e que têm objectivos como a plantação de árvores e limpeza do ambiente. A escolha cabe a cada jovem participante no projecto, online. **R**



“PENSAR VERDE!”

Chelsea Staub e os colegas do elenco da série do Disney Channel, *Jonas LA* – Joe, Nick e Kevin Jonas – revelam as suas dicas ambientais para salvar o planeta. Eles são os jovens escolhidos para divulgar internacionalmente a iniciativa “Friends for Change: Project Green”.

Joe Jonas: “A minha dica número um é utilizar os dois lados das folhas em que escrevo – e plantar algumas árvores”.

Kevin Jonas: “É muito importante que todos reciclem. Tem atenção ao que deitas fora, pois as latas e o papel têm contentores diferenciados”

Nick Jonas: “Os materiais que revestem o nosso último álbum são feitos de componentes 100% recicláveis. Partilhamos o carro porque poupa combustível e ajuda a salvar o ambiente. Não faz sentido levar carros separados para o mesmo evento!”

Miley Cyrus: “Não importa o que fazes para ajudar o ambiente, desde que faças alguma coisa. Planta uma árvore, recicla papel ou poupa energia, andando de bicicleta ...”

Chelsea Staub: “Mudei todas as lâmpadas em casa para as de baixo-consumo. Juntel-me com a minha vizinha de cima para começarmos a reciclar no prédio”

EIS ALGUNS PROJECTOS QUE A WALT DISNEY SE PROPÕE APOIAR. A ESCOLHA PERTENCE A CADA JOVEM.



SNOW LEOPARD CONSERVANCY

Visa proteger o leopardo das neves, que vive no alto das encostas rochosas e brancas dos Himalaias. Raramente visto por pessoas e nunca ouvido (não é capaz de rugir), este animal está em perigo de extinção devido à invasão do seu habitat. O Snow Leopard Conservancy habilitará estudantes no Nepal a ensinar os lavradores a construir currais à prova de predadores.

WILDLIFE CONSERVATION NETWORK

Tem como objectivo proteger o mabeco, cão selvagem africano, assim como outras espécies em vias de extinção no Parque Nacional Hwang, no Zimbabué. Se por um lado as árvores estão esgotadas, devido à depredação de animais como elefantes e girafas, a vida animal é frequentemente alvo de caça ilegal para alimentação. O projecto encontra-se a organizar clubes de conservação em 17 escolas locais.



WILDLIFE CONSERVATION SOCIETY WILDLIFE

Planeia desenvolver uma banda desenhada, “As Aventuras de Gilbert Goby”, para contar a história do alcaboz Gilbert, espécie de peixe ameaçada, acompanhando a sua viagem rio acima para encontrar a família, enfrentando diversos perigos (peixes invasores, sedimentos, poluição) pelo caminho. A história será partilhada com crianças e adultos das dez aldeias que rodeiam o fabuloso habitat deste animal nas ilhas Fiji.

PATH FOUNDATION PHILIPPINES INC.

Este projecto encoraja crianças de todo o mundo a ajudar a parar a pesca com cianeto, que destrói o frágil habitat de recife de corais de alguns peixes tropicais como o peixe-sapo-de-sela-negra.



BAT CONSERVATION INTERNATIONAL BAT

É uma organização que protege os morcegos da América do Norte, Central e do Sul. Procura melhorar o conhecimento científico e público dos morcegos migratórios que todos os anos se juntam às aves e às borboletas nos seus voos intercontinentais.

DESIGN AMBIENTAL

POR MODA OU CONVICÇÃO, OS PRODUTOS AMIGOS DO AMBIENTE NÃO PARAM DE SURTIR. EIS UM ROTEIRO POR SOLUÇÕES DE DESIGN, COM MÁXIMO IMPACTO VISUAL E MÍNIMA PEGADA NO PLANETA.

Texto Teresa Violante



Amigo do ambiente, verde, ecológico ou sustentável são termos cada vez mais comuns na caracterização dos produtos. Consumidores mais exigentes, e ambientalmente mais responsáveis, ditam novas preocupações às empresas. Da matéria-prima à embalagem, todas as fases do ciclo de vida dos artigos são avaliadas quanto ao impacto no planeta. Resultado? Soluções de design com mínima pegada ecológica, sem que tal signifique perda de eficiência, funcionalidade ou elegância.

Em Portugal e no estrangeiro, cada vez mais designers concebem produtos eco-responsáveis. Conheça alguns objectos que acrescentam um novo valor à estética: sustentabilidade.

Novas perspectiva

É uma caixa de cartão ou um candeeiro? Uma cadeira ou simples placas de cartão? Provocadoras e funcionais, as peças desenhadas pelo holandês David Graas revelam olhares *sui generis* sobre os objectos do dia-a-dia. E apelam à redução do desperdício, já que o designer aposta em soluções amigas do ambiente que prolongam a durabilidade de materiais comuns.





Cadeiras intemporais

A “111 Navy Chair” parece uma cadeira comum, mas não é. Disponível em várias cores, tem uma fórmula secreta: 65% de plástico PET reciclado e 35% de fibra de vidro e pigmento. A empresa Emeco, que desde 1944 fabrica cadeiras em alumínio para a Marinha norte-americana, concretizou a vontade da Coca-Cola em encontrar uma solução inovadora e durável para o desperdício. Estima-se que só no primeiro ano as cadeiras tenham dado nova vida a 3,5 milhões de garrafas. E a longo prazo: o design é intemporal e o material resistente.



Core e inovação

Por graça, um dia João Bruno Videira decidiu trocar a palha do assento de uma cadeira antiga pela lã usada nos tapetes de Arraiolos. O resultado surpreendeu-o: “Percebi logo o potencial que tinha em mãos”. E assim surgiu o projecto Água de Prata, fruto do seu gosto e habilidade para trabalhos manuais. A carreira de jornalista, depois de anos na delegação da RTP em Évora, ficou para trás e hoje entrelaça cadeiras, pufes, painéis de parede... Ao mesmo tempo que dá nova utilidade a uma matéria-prima tipicamente portuguesa, reaproveita objectos em fim de vida, como pneus velhos, com os quais fez este pufe.

Jóias de relva

Não há dúvida de que Hafsteinn Juliusson se afasta dos produtos de massa. Designer islandês a viver em Milão, é o autor de uma linha de jóias verdejantes: Growing Jewelry. Aos cuidados normais com a prata, estas peças carecem de outros mais específicos como serem regadas de cinco em cinco semanas, mas não em demasia, e conservadas no frio. As peças são feitas artesanalmente na Islândia. Inspirado pela ecologia e pela sociedade, o designer propõe um jardim sempre à mão.



TENDÊNCIAS ECO



Elegância de cortiça

Ainda hoje o chapéu-de-chuva é a peça mais emblemática da Pelcor, que dá nova forma à tão portuguesa cortiça. Sandra Correia, fundadora e proprietária da empresa, é também a mentora deste projecto reconhecido dentro e fora do país. Desde Maio do ano passado que o chapéu-de-chuva e a mala Tote Bag estão à venda no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA). Gravatas, bolsas, sapatos, aventais e tantas outras peças mostram que a cortiça pode ser muito mais do que rolhas.

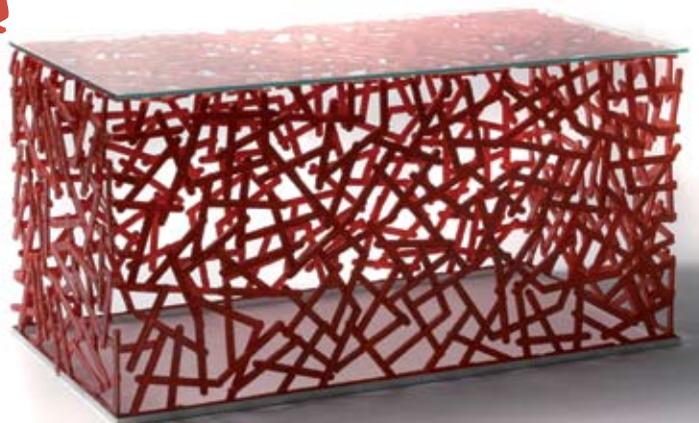
Desperdício zero

Materiais em fim de vida, como fibra de lã industrial, e desperdícios de fábricas, transformam-se nas peças Fuz, acessórios de moda e para a casa. Empresa norte-americana, sediada na Califórnia, assenta na eficiência, desde os materiais até à forma como são cortados, rentabilizando assim a utilização das máquinas durante a fase de concepção. O exemplo que melhor reflecte essa estratégia é a mala UM, desenhada a partir de um único corte na matéria que lhe dá forma. Bom gosto na conta certa.



Colheres multifunções

“Como designers, temos um papel fundamental no crescimento saudável dos objectos”, assume, sem rodeios, a dupla Cláudio Cardoso e Telma Veríssimo, que forma o Studio Verissimo. A colecção Spoon é disso exemplo. Todos os dias milhares de colheres de plástico são utilizadas apenas uma vez e depois são deitadas fora. Para minimizar esse gasto, os designers criaram candeeiros e mesas com as colheres de café. Modelos disponíveis em preto, branco e vermelho. Vai um cafezinho?



Irreverência social

Os objectos Po! Paris cruzam influências de dois mundos: a elegância da Cidade das Luzes e a loucura dos Balcãs, reconhecem os criadores. E assim nascem candeeiros e cadeiras coloridos e arrojados a partir de latas de refrigerantes, peças de automóveis ou barras de aço. E com responsabilidade social: a Po! Paris é também um projecto social que apoia ONG que promovem a igualdade das mulheres e das comunidades marginalizadas.



Criações urbanas

É na azáfama cidadina que Susana Soares se inspira para conceber acessórios de moda originais. A partir de telas plásticas de mesas de cozinha cria malas, bolsas circulares, crachás e aventais. Peças cheias de cor assinadas por Sushie, nome que Susana inventou em 1999 quando começou a desenhar malas como hobby.

Telas de conforto

Por toda a cidade de Santiago do Cacém havia lonas publicitárias, telões e bandeirolas a promover uma exposição.

Os amigos Joaquim Sousa e Magda Guerreiro interrogaram-se: “Qual o destino de tudo isso?”. Então testaram uma ideia: fazer das lonas puffes. Do esboço à criação da empresa Puff Power mediou algum tempo. Pelo caminho conquistaram um prémio regional, o que os incentivou a prosseguir.

Desde Junho do ano passado criam produtos únicos e artesanais, dos originais puffes a aventais, malas, bolsas, etc. Em nome dos 3 “R”.



ROSTO



Miguel Martins, 32 anos, é o rosto do empreendedorismo social em Portugal. O instituto que fundou tem como objectivo inspirar e capacitar para um mundo melhor

MULTIPLICADOR DE BOAS PRÁTICAS

“SENTI NECESSIDADE DE CONSTRUIR UMA SOCIEDADE MAIS JUSTA”, CONTA MIGUEL MARTINS. ELE É O FUNDADOR E DIRECTOR DE UMA ASSOCIAÇÃO QUE IDENTIFICA E APOIA PROJECTOS SOCIAIS INSPIRADORES.

Texto Miguel Amaral Monteiro

Fotos Filipe Pombo/AFFP

Miguel Martins, 32 anos, fez várias missões de voluntariado em África. Aí aprendeu que “a beleza das ideias geniais vem da mistura da experiência técnica com a experiência prática do dia-a-dia”. Esta é uma das mensagens que transmite nos cursos do Instituto de Empreendedorismo Social (IES), associação sem fins lucrativos que tem como missão identificar, apoiar, formar, promover e ligar iniciativas de alto potencial. Objectivo? Inspirar e capacitar para um mundo melhor.

Parece utópico, mas a equipa do IES tem os pés bem assentes na terra. Até agora já identificou e apoiou dez iniciativas (cinco em Cascais e cinco em Vila Real), muitas das quais foram replicadas. O objectivo é profissionalizar a gestão das organizações sociais, criar uma escola de negócios sociais e transformar o terceiro sector. “Estabelecemos parcerias com universidades, alunos, ex-alunos de MBA, técnicos e gestores profissionais, os quais desenham o modelo de negócio da organização e identificam os principais problemas. Depois, estudantes universitários fazem teses aplicadas de mestrado sobre a solução”, expli-

ca Miguel Martins. As boas práticas sociais chegam assim às universidades, sob a forma de caso de estudo, em cadeiras de empreendedorismo social e de gestão de organizações sem fins lucrativos que o IES ajuda a implementar.

Por que escolheu o curso de Agronomia e o que o levou a mudar para Engenharia do Ambiente?

Fui para Agronomia porque não tive média para entrar em Medicina Veterinária. A mudança para Enge-

“PERCEBI QUE EXISTE UM MERCADO HÍBRIDO ENTRE O LUCRATIVO E O NÃO LUCRATIVO”

nharia do Ambiente deveu-se a dois grupos que marcaram a minha vida universitária e que estavam instalados na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) da Universidade Nova Lisboa (UNL): a equipa de rugby e o GASNova, Grupo de Acção Social da Associação de Estudantes. No meu percurso universitário houve a procura de um rumo, mas que só encontrei pós-licenciatura quando estudei administração social no Ins-

tituto de Solidariedade e Segurança Social (ISSS), empreendedorismo social em França e gestão sem fins lucrativos nos Estados Unidos.

Quando surgiu o interesse pela área social?

Ter sido escuteiro deu-me boas bases e, quando tinha 16 anos, fui durante alguns meses voluntário no Banco Alimentar Contra a Fome. O GASNova foi uma rampa muito importante enquanto estudante universitário, tanto no trabalho desenvolvido em Portugal, como quando estive em missões em Cabo Verde e Moçambique. Foram escolas de vida que me ajudaram a compreender a diversidade das sociedades e as diferenças culturais.

Na conferência TEDxYouth, no Porto, em 2010, contou que os funcionários de um centro de saúde em Cabo Verde não sabiam o que fazer com cinco mil caixas de medicamentos entregues por uma ONG francesa. Os seus “14 anos de liceu francês” serviram para traduzir as informações das embalagens e o seu “colega hipocondríaco” organizou a farmácia. Ainda

acompanha este projecto?

Não, mas sei que no ano seguinte o GASNova enviou um estudante de Farmácia que concluiu o nosso trabalho. O trabalho que se faz, durante dois meses, só resulta se houver continuidade nas missões seguintes. O mais importante nestes movimentos universitários é o investimento feito em quem vai.

Foi a Moçambique numa missão que ia estudar o problema das cheias. O que aprendeu?

Estive em Moçambique em 2001 e 2002 através do GASNova e em 2003 através do projecto Pais Protectores da ONG TESE, criada através do GASNova. África necessita de trabalho em muitas frentes. Na primeira missão havia pessoas mais habilitadas do que eu a nível de engenharia. Antes de partir recebi formação da AMI, o que me permitiu participar num projecto de apoio às enfermarias dos centros de saúde. Fui auxiliar de parteira, o que me deu um gozo especial. Também criámos uma escola de informática em parceria com os jesuítas. No primeiro ano demos aulas de informática. No segundo criámos um curso de formação de formadores, para que houvesse aulas o ano todo. Mais tarde demos formação em hardware porque constatámos que não havia quem fizesse a manutenção dos PC. Esta missão mostrou-me que, com pequenas acções, podemos criar iniciativas sustentáveis. Em 2002, em parceria com o município da Beira, desenhamos um projecto de reciclagem para as lixeiras e de acompanhamento aos miúdos que delas obtinham sustento.

Acabou o curso, começou a traba-

lhar e voltou a estudar. Porquê?

Trabalhei durante três anos. Fora das horas de trabalho acompanhava projectos sociais: mantive ligação ao GASNova, estive no arranque da TESE, trabalhei em campos de férias. Tudo isto era uma necessidade de construir uma sociedade melhor e mais justa. Mas, paralelamente, tinha de equilibrar as fontes de rendimento para pagar as contas ao final do mês. Então, fiz uma pós-graduação em administração social no extinto Instituto de Solidariedade e Segurança Social (ISSS) e choquei de frente com o conceito de empreendedorismo social. Demiti-me e

“NOS ESTADOS UNIDOS APRENDI QUE A GESTÃO DAS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS PODE SER PROFISSIONAL. LÁ O SECTOR SOCIAL É MUITO PROFISSIONALIZADO, ESTRUTURADO, COMPLEXO E EFICAZ, E MOVIMENTA SOMAS EXTRAORDINÁRIAS”

fundei a consultora Beyond Sustainable Ideas. Entretanto soube que o INSEAD, uma das melhores escolas de negócios do mundo, iria arrancar com uma formação de executivos nessa área, em França, e decidi inscrever-me. Foi aí que percebi que existe um mercado híbrido entre o lucrativo e o não lucrativo.

Em Dezembro de 2008 fundou o IES. Qual foi o objectivo?

O IES nasceu de um desafio lançado pela Câmara Municipal de Cascais durante o congresso de Empreendedorismo Social. Queríamos encontrar uma estrutura que aproveitasse todo o capital humano presente no

congresso e que desenvolvesse e promovesse o empreendedorismo social em Portugal. Então nasceu a ideia de criar uma *Social Business School* (Escola de Negócios Sociais) no nosso país, visão que alimentou a estratégia do IES.

O congresso trouxe a Portugal projectos estrangeiros inspiradores, como a Bolsa de Valores Sociais. Verificámos que se criaram ecossistemas para ajudar à replicação destas iniciativas no nosso país. Mas como é que não temos casos de sucesso em Portugal? Para criar uma *Social Business School* precisamos de estudos de caso nacionais. Então desenvolvemos a metodologia ES+,

que identifica as histórias de sucesso numa determinada região. Começámos em Cascais, onde encontramos cinco iniciativas com elevado potencial e que decidimos apoiar através de programas que envolvem os nossos associados e as universidades. É com base nestes projectos de sucesso que ensinamos os líderes de hoje e de amanhã.

Uma das iniciativas identificadas foi a Escolinha de Rugby da Galiza, no Estoril, projecto de integração social de jovens. É possível medir o impacto do vosso apoio?

A avaliação está a ser feita agora. Dificilmente mediremos variáveis como aumento de miúdos que frequentam a Escolinha, de patrocinadores ou de voluntários. Os impactos que nos interessam não são directos. Primeiro, queremos impactar a confiança que as pessoas têm no projecto que têm em mãos. Segundo, queremos melhorar a confiança das pessoas nas suas competências e dar-lhes novas competências. A função do IES é apoiar,

“A maior lacuna do sector social português é a ausência de formação de qualidade, sobretudo em áreas ligadas à gestão de organizações sociais”, aponta Miguel Martins

acreditar, dar formação, estabelecer contactos, ensinar a fazer orçamentos, sugerir, etc. Por isso colocamos um jovem brilhante a realizar uma tese de mestrado dentro da organização. Ele levanta questões, ajuda a organização a pensar, explica que tipos de ferramentas existem, constrói a solução em parceria com a organização. Todos os envolvidos no processo aprendem fazendo.

O ES+ foi criticado por, em Cascais, tudo ser muito fácil...

O ES+ foi criado em 2009 por investigadores do IES em parceria com o com os professores Filipe Santos, do INSEAD, José Esperança, do ISCTE, Raquel Franco, da Universidade Católica do Porto, e o doutorando Ricardo Zozimo, da Universidade de Lancaster. É uma metodologia apresentada e reconhecida pelos painéis de boas práticas da Rede Académica Europeia de Economia Social (EMES) e da Comissão Europeia. Quando surgiram estes reconhecimentos percebemos, a nível interno e através de pessoas à nossa volta, que deveríamos testar a metodologia noutra ambiente, porque só assim seria certificada e validada. Isto porque um ecossistema como Cascais é, à partida, favorável à viabilidade de projectos sociais. Assim, falámos com o Governador Civil de Vila Real, e lançámos-lhe o desafio. Este ano centramo-nos no Porto e estamos em negociação com municípios da periferia de Lisboa.

As iniciativas que identificaram em Vila Real foram replicadas?

A Bolsa de Voluntariado do Parque Natural do Alvão vai ser replicada noutros parques do Instituto da Conservação da Natureza. A loja eco do EcoMuseu de Barroso vai ser considerada Boa Prática pelo Turismo de Portugal. O Empréstimo de



Equipamento Médico é, ele próprio, um projecto replicado dentro da Cruz Vermelha. A Oficina Agrícola, que visa promover o desenvolvimento pessoal de jovens com deficiência através de actividade profissional na área da agricultura, tem despertado muito interesse.

Que formação é dada pelo IES?

Temos duas vertentes: cadeiras de mestrado nas universidades e formação para executivos. Aos alunos de mestrado da Faculdade de Economia da UNL disponibilizamos cadeiras trimestrais de empreendedorismo social e gestão de organizações sociais. Também participamos no módulo *professio-*

nal citizenship, com a duração de quatro dias, nos quais os alunos vão ao terreno conhecer os projectos de boas práticas sociais em Cascais. Entretanto assinámos um protocolo com a Universidade do Porto. Os programas para executivos são em parceria com o INSEAD. Este ano teremos dois *Boot Camp*. O primeiro é um curso leccionado em português, por docentes do INSEAD, e destina-se a 32 universitários e recém-licenciados que tenham uma ideia e queiram viabilizá-la. No final apoiaremos a implementação das três melhores. Em Setembro teremos outro curso, mas aberto ao público. E teremos o Programa de Empreendedorismo Social INSEAD.



É um curso intensivo, de cinco dias, para empreendedores sociais com provas dadas.

Em Março, numa entrevista à revista do Programa Escolhas, disse que espera “grandes novidades” no sector nos próximos dois anos. Essa afirmação já está desactualizada. Basta olhar para os últimos meses. O INSEAD, pela primeira vez na sua história, decidiu apresentar um produto numa língua que não o Inglês e em parceria com organizações locais. A Universidade Católica do Porto, com o apoio de Muhammad Yunus e em parceria com uma *business school* francesa, oficializou a abertura de uma cátedra em negócio social. Depois, o ISCTE, em parceria com a escola de negócios ESADE, o BBVA e a Stone Soup Consulting, criou o Momentum Project, programa que apoiará financeiramente dez empreendimentos sociais. A organização Ashoka, um colosso desta área, oficializou a vin-

da para Portugal. Bancos estrangeiros querem entrar no sector social português. Fundações e projectos nacionais foram distinguidos lá fora, como o programa Aconchego, da Fundação Porto Social, reconhecido como boa prática europeia, e o 4 Leituras, apoiado pelo IES e eleito como boa prática na área da educação. O número de projectos externos considerados boas práticas e replicados em Portugal (BVS, Turma do Bem, The Hub, etc.) é impressionante e há mais em negociação. Também surgiram consultoras a actuar nesta área (Stone Soup, Sector 3, Call to Action), meios de comunicação especializados (portal *VER*, revistas *Gingko* e *IM*), e há até o fundo Bem Comum, promovido pela Associação Cristã de Empresários e Gestores, que combate o desemprego nas pessoas com mais de 40 anos. Temos de ter capacidade de capitalizar estas iniciativas e transformar o sector social, tornando-o mais eficiente, com metas claras,

“É PRECISO SEPARAR AS FUNÇÕES DE INOVAÇÃO, EMPREENDEDORISMO E GESTÃO, POIS É DIFÍCIL AGREGÁ-LAS NUMA MESMA PESSOA”

melhor utilização dos recursos, mais profissional na gestão, com mais partilha e transparência.

No TEDxYouth referiu que o sector social representa 6,5% do PIB e que engloba 39 mil instituições. Há um excesso de instituições?

No sector social português há falta de escala nas instituições e há duplicação de esforços e de serviços em áreas específicas. Em tempos de crise deveria criar-se condições para que existisse maior número de fusões de organizações sociais, ainda que seja algo complexo do ponto de vista legal.

Também disse que quando as universidades formarem os líderes do futuro e capacitarem os do presente o IES extinguir-se-á. Essa extinção depende da criação de uma escola de negócios sociais?

A missão nas organizações sociais é, em geral, pouco tangível. Mas essa tangibilidade aumenta à medida que o trabalho é feito. No dia em que percebermos que a formação dos líderes do futuro e a capacitação dos líderes do presente está assegurada por uma entidade naturalmente habilitada para o fazer, ou seja, estruturas de ensino e universidades, e que o faz bem, a missão do IES estará cumprida. Actualmente isso não acontece. Quando acontecer ou deixamos de existir ou reinventamos a nossa missão. **R**

POR UM VERÃO FRESCO E ECO-RESPONSÁVEL

ALERTAS LARANJA E VERMELHO, TEMPERATURAS ACIMA DOS 35°C, DIAS DE CÉU LIMPO E SOL FORTE. BEM-VINDO À ESTAÇÃO MAIS QUENTE DO ANO. E COMO QUANDO O CALOR APERTA A PRIORIDADE É SÓ UMA, REFRESCAR-SE, FAÇA-O RESPEITANDO O AMBIENTE.

Texto Teresa Violante

Foto Cedida

1 – Janelas

Durante o dia baixe os estores e feche as janelas, o método mais natural de proteger do calor a sua casa. No final do dia, ao pôr-do-sol, faça o inverso: abra as vidraças e levante os estores, desfrutando da brisa que corre lá fora.

8 – Plantas

Regue-as logo de manhã cedo ou então no final do dia, quando a temperatura é mais baixa. Nas horas de maior calor a rega é desaconselhada, porque a evaporação da água é maior.

7 – Tecidos e cores

Vestuário correcto é fundamental para vencer o calor. Tecidos de fibras naturais são mais frescos do que os sintéticos. Escolha peças de linho e algodão, que permitem a transpiração. As roupas devem ser largas e de cores claras, que absorvem pouca luz, logo, menos calor.

2 – Ar condicionado

Utilize-o apenas quando necessário – máxima válida tanto em casa como no trabalho ou no carro. O ar condicionado implica elevado consumo energético. Por isso, antes de ligá-lo, verifique se portas e janelas estão fechadas e regule o termóstato de modo a evitar frio em excesso.

3 – Frigorífico

Reservatório de bebidas e alimentos frescos, o frigorífico é mais cobiçado nos dias quentes. Para um consumo energético correcto regule o termóstato, adapte a temperatura à carga, e respeite a capacidade máxima do frigorífico. Evite abrir e fechar a porta deste electrodoméstico diversas vezes ao longo do dia.

4 – Gás

Para evitar desperdícios no consumo de gás ajuste a temperatura do seu esquentador. Nos dias quentes sabe bem tomar duche com água mais fria. Muitos modelos têm mesmo dois modos de utilização: Verão e Inverno.

5 – Banhos

Em casa opte por duchas em vez de banhos de imersão – o consumo de água é menor e a sensação de frescura maior. E prefira banhos de mar ou rio – em espaços vigiados e de qualidade – a banhos de piscina, aproveitando os recursos naturais.

6 – Ao fresco

Pátios, igrejas ou jardins são lugares privilegiados para pausas refrescantes. E com mínimo impacto ambiental. Opte por estas soluções naturais em detrimento de lugares climatizados.



RENOVAÇÃO ORGÂNICA

A HORTA DA FORMIGA, PROJECTO CRIADO PELA LIPOR, EMPRESA DE GESTÃO DE RESÍDUOS DO GRANDE PORTO, ENSINA A FAZER A COMPOSTAGEM EM CASA. PORQUE AO TRANSFORMAR RESÍDUOS ORGÂNICOS FERMENTÁVEIS EM PODEROSOS ADUBOS, ENRIQUECE-SE E PROTEGE-SE O SOLO.

Texto Sara Raquel Silva

Fotos Filipe Pombo/AFFP

“Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”, dizia o químico francês Lavoisier. Assim acredita a Lipor, entidade responsável pela gestão de resíduos sólidos urbanos produzidos no Grande Porto. A empresa, que aposta na reciclagem, produção de energia eléctrica a partir de fracções de resíduos e compostagem a nível industrial, criou o projecto Horta da Formiga, em 2002, com o intuito de fomentar a compostagem “caseira”. Afinal, a produção de resíduos sólidos urbanos continua a desempenhar papel importante na nossa sociedade onde o consumismo é cada vez mais evidente. E, segundo dados da ONG ambiental Quercus, 40% são biodegradáveis, ou seja, passíveis de serem repostos na natureza sob a forma de fertilizante natural.

Como? Através da compostagem, processo biológico em que os microrganismos transformam

matéria orgânica, como estrume, folhas, papel e restos de comida, num material semelhante à terra e a que se chama composto. E, quando efectuado em casa, só traz vantagens: poupa-se no transporte e custos de deposição de resíduos, reduz-se a quantidade dos resíduos enviados para aterro e conseqüentemente a emissão de gases com efeito de estufa, além de se produzir um adubo natural de elevada qualidade, diminuindo o impacto da utilização de adubos químicos nas culturas, solos e lençóis de água. Por exemplo: com a utilização de 10 mil compostores obtém-se um potencial de redução de 3 mil toneladas de resíduos orgânicos, cujo aproveitamento evitará a emissão de 528 toneladas de CO₂ por ano. Além de que o composto pode ser aplicado no seu próprio jardim em relvados, vasos, canteiros, floreiras e nas caldeiras das árvores, não implica grandes exi-

gências de espaço ou investimentos e é economicamente viável. Para saber mais sobre a compostagem, nada como visitar a Horta da Formiga, em Baguim do Monte. Com jardim e pomar biológicos, aí poderá aprender a transformar os seus resíduos do quotidiano. “O projecto teve início como complemento à compostagem que fazemos na Lipor a nível industrial”, diz Benedita Chaves, coordenadora do departamento de valorização orgânica da Lipor. “Era especialmente dedicado às crianças, mas depressa compreendemos que os adultos estão cada vez mais sensibilizados para as questões ambientais”. Decidiram, então, dar pequenos cursos de formação em agricultura biológica. Foi um sucesso. “Já passaram por aqui mais de 10 mil pessoas – as acções de formação quase sempre esgotam e chega a vir gente de Espanha”, enfatiza Benedita Chaves.



Criada em 2002, a Horta da Formiga já sensibilizou milhares de pessoas para a importância da compostagem, autêntico processo de reciclagem de resíduos urbanos





A Horta da Formiga respondeu às necessidades de uma população cada vez mais preocupada com a alimentação e o ambiente e decidiu, então, lançar novos programas associados. A Horta à Porta, por exemplo, disponibiliza talhões de no mínimo 25 m² a particulares interessados em praticar agricultura biológica e compostagem. Ao receberem a parcela de terra, os futuros agricultores adquirem também formação para melhor combinarem os alimentos a plantar, além de mezinhas naturais para afastar doenças das suas culturas. É garantida água, local para armazenar as ferramentas e um compostor individual. Só uma condição: os produtos obtidos são para consumo próprio. No total são já 20 hortas em pleno funcionamento no Grande Porto, divididas em centenas de talhões.

Para famílias com dificuldades económicas foram disponibilizados terrenos em que podem cultivar – sempre biológico – e depois comercializar.

CERCA DE 40% DOS RESÍDUOS QUE PRODUZIMOS SÃO ORGÂNICOS, OU SEJA, PODEM SER VALORIZADOS ATRAVÉS DA COMPOSTAGEM CASEIRA, FACILMENTE PRATICADA EM CASA

Outro programa desenvolvido pela Horta da Formiga é o Terra à Terra, Projecto de Compostagem Caseira, que visa promover a redução de resíduos orgânicos ao nível das habitações, prédios,

escolas e instituições. Trata-se de uma acção de formação de três horas, ao final das quais os participantes recebem um compostor gratuito. “Já distribuímos 5 mil desde 2007, um sucesso se consideramos que a maioria só é utilizada em quem tem casa com jardins”, considera a responsável da Lipor.

A pensar no futuro e na mudança de comportamentos, desde 2004 que a Horta da Formiga também leva a horta à escola. Pretende criar adultos mais conscientes e sensibilizar pais e famílias. Na prática ajuda as instituições de ensino – já mais de 50 – a instalar um compostor e uma horta biológica. As crianças deliram ao ver crescer com saúde aquilo que plantaram. E, sobretudo, a saboreá-lo. Na cantina, ou em casa com os pais, a sonhar com um futuro mais verde. **R**



De madeira ou plástico, qualquer compostor cumpre a função: transformar matéria orgânica em adubo

GUIA DE COMPOSTAGEM

1- COMPOSTOR

Existem várias soluções no mercado, de metal ou madeira. Privilegie compostores em materiais reciclados. Devem ter garantia de pelo menos 10 anos e capacidade para 500 litros. São fáceis de montar e normalmente constituídos por quatro peças: tampa, corpo, porta e base, que podem ser montadas por encaixe.

2 - LOCAL

Deve ser colocado num local de fácil acesso, protegido do excesso de calor ou frio, assim como do vento. O ideal é que esteja numa área que permita a infiltração das águas da chuva.

3 - PREPARAÇÃO

Os detritos para compostagem dividem-se em verdes e castanhos, segundo o teor de humidade. Os primeiros incluem restos de frutas e vegetais, cascas de ovos esmagadas, folhas e saquetas de chá, borras de café, sobras de pão e de comida. Os segundos englobam aparas de madeira e serradura, folhas secas, relva e erva seca, feno e palha. Coloque no fundo do recipiente uma camada de aproximadamente 20 cm de palha ou ramos cortados (castanhos), A camada seguinte deverá ser constituída por restos da cozinha (verdes), que podem ser

misturados e ligeiramente cobertos com resíduos de jardim secos para não atrair moscas. Nunca coloque pilhas, vidro, metal, plástico, medicamentos, produtos químicos, têxteis e tintas, excrementos de animais domésticos, plantas doentes.

4 - VIGILÂNCIA

Verifique a temperatura do compostor - valores elevados (55°C) maximizam a eficiência do processo. Na falta de termómetro, basta espetar uma barra ou tubo de ferro na pilha e esperar alguns minutos. Se ao retirar a barra estiver quente, mas não queimar a mão, está bom. Confira ainda os níveis de humidade através do método da esponja: se, ao espremer um pouco do material, pingar, deverá juntar resíduos castanhos; se a mão ficar seca, deverá adicionar resíduos verdes e regar. Todas as semanas revolva os resíduos para manter bons níveis de oxigenação. Se houver muitos insectos à volta da pilha, cubra-a com materiais castanhos e, se houver formigas, é porque a pilha está muito seca - regue-a.

Mais informações e inscrições: www.hortadaformiga.com ou pelo telefone 229 770 100

PORQUE É FÁCIL RECICLAR

PARA ACABAR COM IDEIAS FEITAS E DESCULPAS ESFARRAPADAS, A RECICLA PREPAROU UM GUIA PRÁTICO DE RECICLAGEM. 20 DICAS PARA SEPARAR OS RESÍDUOS E COM MÍNIMO ESFORÇO. PRONTO PARA REPLICAR AS BOAS PRÁTICAS?

Texto Teresa Violante

Ilustração Rita Sales Luís

Nos últimos anos a palavra reciclagem entrou no léxico dos portugueses. E nos seus hábitos. Só no ano passado a Sociedade Ponto Verde recolheu e reciclou 667 mil toneladas de resíduos de embalagem, o que corresponde a 59% das quantidades declaradas pelos seus embaladores. Com o contributo de todos foi possível superar logo em 2010 a meta definida para este ano: reciclar 55% das embalagens colocadas no mercado. Mas ainda há caminho a percorrer, em especial na reciclagem do vidro, único material que ficou aquém da meta definida (60%).

Mas nem só de embalagens vive a reciclagem.

É também possível reciclar resíduos altamente poluentes como o óleo das frituras, ou os pequenos electrodomésticos que deixaram de funcionar e não têm conserto. A rede de pontos de recolha já é vasta de norte a sul do país. E o processo de triagem em casa é fácil.

Mais do que um gesto, reciclar é uma atitude perante a vida e o planeta. Para que se torne num reciclador nato – e porque o contributo de todos é essencial –, a RECICLA acaba com ideias feitas sobre reciclagem, mostrando que separar os resíduos é tão simples que naturalmente se torna numa prática do dia-a-dia. **R**

1- ONDE DEVO FAZER A SEPARAÇÃO DOS RESÍDUOS?

Reserve em casa e no escritório uma área própria para colocar os materiais que serão colocados nos ecopontos. A cozinha, ou a copa, são boas opções.



2- PRECISO DE COMPRAR CONTENTORES PRÓPRIOS PARA A RECICLAGEM?

Existem várias soluções no mercado, algumas muito funcionais. Também pode usar a criatividade e transformar objectos que tem em casa e já não utiliza em contentores para a triagem dos resíduos. Além do lixo convencional, deve incluir mais três, de acordo com os materiais: plástico e metal, papel e cartão, e vidro.

3- O QUE DEVO COLOCAR EM CADA ECOPONTO?

No ecoponto azul coloque papel: jornais e revistas, papel de escrita, caixas de cartão (não contaminadas por gorduras ou substâncias tóxicas); no verde coloque garrafas, frascos e boiões de vidro; e no ecoponto amarelo deposite embalagens de cartão para bebidas, latas, garrafas de plástico e sacos.



4- HÁ O RISCO DE, APÓS COLOCADAS NOS ECOPONTOS, AS EMBALAGENS SEREM MISTURADAS?

A ideia de que os resíduos dos ecopontos são misturados nos camiões está errada. Não estranhe se vir um único camião recolher resíduos de vários materiais: trata-se de um veículo bi-compartimentado, portanto, as embalagens são colocadas em cubas diferentes.

5- PRECISO DE LAVAR AS EMBALAGENS ANTES DE COLOCÁ-LAS NO ECOPONTO?

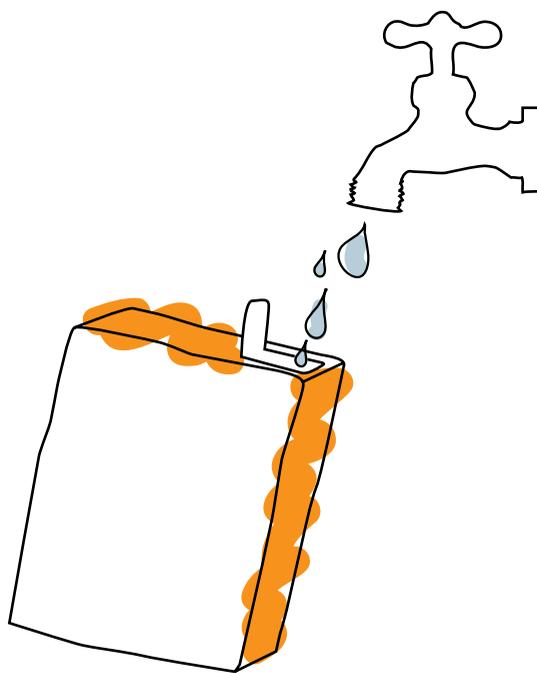
Não, mas se quiser pode passá-las por água para evitar odores desagradáveis em casa enquanto não as leva para o ecoponto. É recomendável que escorra e despeje todo o conteúdo das embalagens. Se as espalmar, ocuparão menos espaço, o que facilitará o transporte.

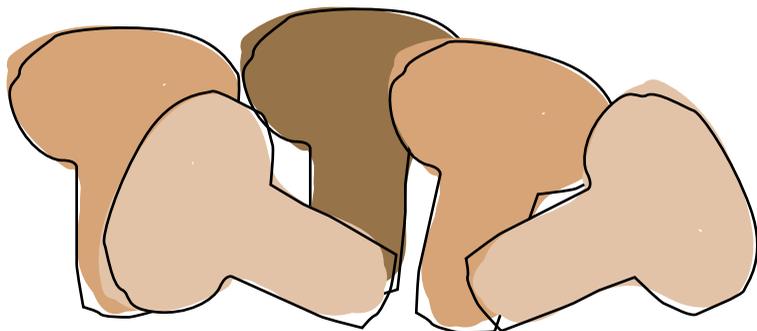
6- DEVO TIRAR A TAMPA AOS BOIÕES?

Não é necessário. Aquando do processo de triagem as tampas serão retiradas.

7- E AS JANELAS DE PLÁSTICO DOS ENVELOPES?

Não. Esse processo decorre nos centros de triagem.



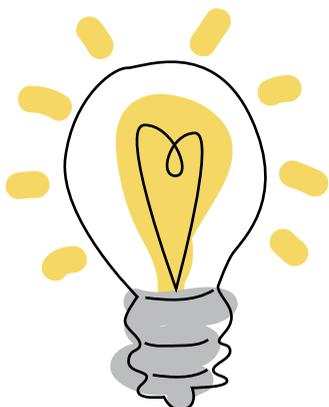


8- O QUE FAÇO ÀS ROLHAS DE CORTIÇA?

Pode entregá-las nos hipermercados Continente, centros comerciais Dolce Vita e agrupamentos de Escuteiros do Corpo Nacional de Escutas. Estes são os locais seleccionados pelo Green Cork, projecto desenvolvido pela Quercus em parceria com a Corticeira Amorim, o Continente e a Biological, que transforma as rolhas usadas em novos produtos. Contribui ainda para o financiamento do programa Criar Bosques, Conservar a Biodiversidade, que planta árvores da floresta autóctone portuguesa.

9- PRATOS E COPOS PODEM SER COLOCADOS NO ECOPONTO VERDE?

Não. Objectos em cerâmica, porcelana, cristal, ou vidros especiais que não de embalagens devem ir para o lixo convencional.

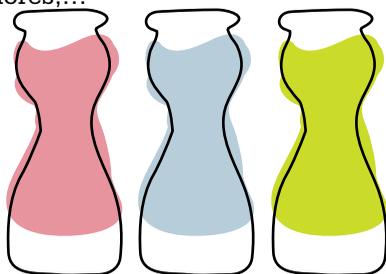


10- ONDE DEPOSITO AS LÂMPADAS?

Depende do tipo de lâmpada, mas nunca no vidro. Entregue as fluorescentes (baixo consumo), que contêm mercúrio, nos estabelecimentos onde adquirirá novas lâmpadas, ou então deposite-as nos electrões, criados pela Amb3, uma das entidades nacionais responsáveis pela recolha de resíduos eléctricos e electrónicos. As lâmpadas incandescentes (têm filamento visível no interior) devem ir para o lixo comum.

11- OS AEROSSÓIS SÃO RECICLÁVEIS?

Sim. Deve colocar no ecoponto amarelo sprays para o cabelo, desodorizantes, ambientadores,...



12- OS COPOS DE IOGURTE VÃO PARA O LIXO?

Não. As embalagens de iogurte devem ser colocadas no ecoponto amarelo.

13- AS CAIXAS DAS PIZZAS QUE ENCOMENDEI ONTEM VÃO PARA O ECOPONTO AZUL?

Como as embalagens são de cartão, podem ser colocadas no ecoponto azul. Mas assegure-se de que não estão sujas de gordura. Nesse caso, devem ir para o lixo convencional.

14- O QUE FAÇO ÀS PILHAS?

As pilhas são altamente contaminantes. Por isso, nunca devem ser colocadas no lixo comum. Deposite-as no pilhão, disponível junto dos ecopontos ou nos hipermercados, geralmente junto aos Pontos Electrões e oleões.

15- E OS CD E DVD?

Ainda não são recicláveis. Ou os coloca no lixo indiferenciado ou usa a imaginação e dá-lhes nova vida, transformando-os, por exemplo, em espanta espíritos ou abat-jours originais.

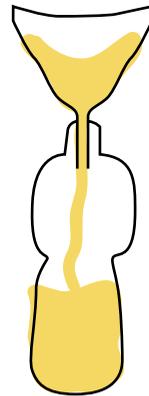


16- TENHO MÁQUINA DE CAFÉ COM CÁPSULAS. POSSO RECICLÁ-LAS?

As marcas de café em cápsulas Nespresso e Delta têm programas próprios de reciclagem, com aproveitamento do alumínio para novos produtos e do café para adubo. Informe-se nas lojas.

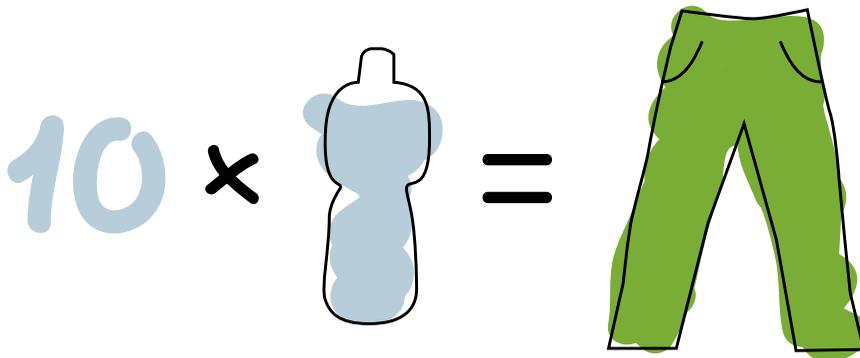
17- QUAL O MELHOR DESTINO PARA O ÓLEO DAS FRITURAS DEPOIS DE USADO?

Deitá-lo pelo ralo do lava-loiça não é opção. Bastam 10 litros de óleo para contaminar 10 milhões de litros de água, o equivalente ao consumo doméstico de um europeu ao longo de 140 anos. O ideal é entregá-lo num oleão, cada vez mais comuns, sobretudo nos hipermercados. Se não tiver nenhum por perto, é preferível colocar o óleo num recipiente selado e depois depositá-lo no lixo comum. Este óleo é transformado em biocombustível.



18- A RECICLAGEM DAS EMBALAGENS DÁ ORIGEM A QUE PRODUTOS?

O vidro gera novo vidro, assim como o papel novo papel. Já o plástico dá forma a coisas muito diferentes. Por exemplo, a partir de dez garrafas de plástico produz-se poliéster suficiente para dar forma a um par de calças. Vasos, tubos para canalização ou mesas de jardim são outros objectos que provêm do plástico reciclado. O metal é usado em bicicletas, bicos de fogão e novas latas.



19- O ECOPONTO ESTÁ CHEIO. O QUE FAÇO?

Não deixe na rua os resíduos que separou – caso contrário, a boa acção transforma-se num gesto nocivo para o ambiente. Se possível, dirija-se a outro ecoponto; caso contrário leve os resíduos de volta para casa e deposite-os no ecoponto noutra dia. A recolha será efectuada, certamente, muito em breve.

20- O MEU CONTRIBUTO É IMPORTANTE?

Sim! Todos os gestos contam e quanto mais pessoas reciclarem melhor viveremos.

LAZER SUSTENTÁVEL



Na Amazônia explorar os rios, observar animais e dar longos passeios na floresta são alguns dos programas possíveis junto das comunidades locais

MANUAL DO VIAJANTE RESPONSÁVEL

OS AVIÕES E OS CARROS CONSOMEM COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS, OS HOTÉIS PRODUZEM TONELADAS DE LIXO. MESMO AS CAMINHADAS INTERFEREM COM O ECOSISTEMA. QUANDO VIAJAMOS CONTRIBUÍMOS PARA A DILUIÇÃO DA CULTURA E DEGRADAÇÃO DO AMBIENTE DOS LOCAIS QUE VISITAMOS. SAIBA COMO EVITÁ-LO.

Texto Sara Raquel Silva

Fotos cedidas

O turismo é um fenómeno crescente a nível mundial e ganha cada vez mais relevo em termos económicos, sociais e ambientais. Em 2005, 810 milhões de pessoas visitaram países estrangeiros, número que deverá duplicar antes de 2020, estima a Organização Mundial de Turismo (OMT). No entanto, esta actividade pode acarretar um conjunto de problemas que urge minimizar, entre os quais se destacam os impactos ambientais negativos e a perda da identidade local. Actualmente, as actividades ligadas ao turismo são já responsáveis por 5% das emissões globais de CO₂, das quais cerca de 75% dizem respeito às deslocações, principalmente

por via aérea. Por outro lado, o turismo tem contribuído para o aumento das desigualdades socioeconómicas entre os países mais desenvolvidos (os do Norte) e os mais pobres, normalmente os receptores (os do Sul). Porque o consumidor, quando compra um pacote de férias, não está a adquirir algo fisicamente palpável, mas sonhos e ilusões proporcionados por grandes operadores turísticos, concentrados em oferecer aos clientes um paraíso que a maioria nunca chega a conhecer. À custa muitas vezes de paisagens naturais únicas, que são transformadas em campos de golfe ou piscinas rodeadas de amplos relvados; dos salários abaixo da média

dos profissionais ligados ao sector; da cultura e tradições locais vítimas de alterações para fins comerciais, mero folclore para turista ver.

Em 1992, declarações emanadas da Conferência do Rio, e ainda das políticas de integração do ambiente nos sectores-chave da economia, como as decorrentes do 5º Programa de Ambiente da União Europeia, “Em Direcção a um Desenvolvimento Sustentável”, deram, finalmente, origem ao conceito de Turismo Sustentável. Este procura agregar a área económica do desenvolvimento turístico com a preservação dos recursos naturais e da inclusão das populações no processo de afirmação do destino.

As medidas deverão caber, sobretudo, aos grandes grupos económicos, já que será difícil a muitos países ditos em desenvolvimento resistir a propostas aliciantes, mas menos honestas. Não só pelas quantias envolvidas (segundo a OMT, só em 2003 a actividade movimentou mais de 500 milhões de dólares), mas também porque a curto prazo o turismo apresenta as suas vantagens: cria empregos e favorece o intercâmbio cultural.

RESPONSABILIDADE PESSOAL

A si, como viajante, cabe também assumir-se como consumidor responsável. Antes de partir deverá escolher devidamente o hotel ou eco-resort; investigar quais são as suas políticas ambientais e tentar saber qual o seu empenho em desenvolver a comunidade onde se implantaram. A título de exemplo: a andBeyond, empresa que detém 40 lodges de luxo em África e na Índia, ao instalar os seus espaços turísticos, intervém junto da comunidade local em áreas como saúde, educação, agricultura e ajuda humanitária. Até 2009, construiu mais de 140 salas de aula e 20 escolas prefabricadas, concedeu mais de 200 bolsas para estudantes em universidades e criou três hospitais, abertos 24 horas por dia, que servem 45 mil pessoas por ano. Durante a viagem, se cada um se deslocar com o mínimo de embalagens deixará me-

nos resíduos, particularmente difíceis de tratar em países em desenvolvimento. Pouca bagagem é aconselhada, embora seja sempre simpático levar alguns bens extra para ajudar projectos sociais e ambientais que poderá visitar. Mas existem mais formas de tornar mais ecológica a sua viagem: compre bens produzidos apenas no país que visita e contrate um guia local. Ele será a pessoa mais indicada para levá-lo a conhecer os costumes locais. Em última instância, a família

QUANDO O CONSUMIDOR COMPRA UM PACOTE DE FÉRIAS NÃO ESTÁ A ADQUIRIR ALGO FÍSICAMENTE PALPÁVEL, MAS SONHOS PROPORCIONADOS POR GRANDES OPERADORES TURÍSTICOS, CONCENTRADOS EM OFERECER AOS SEUS CLIENTES UM PARAÍSO QUE A MAIORIA NUNCA CHEGA A CONHECER

dele será favorecida economicamente. Na altura de fazer compras tenha em atenção, no entanto, que muitas das peças à venda são obtidas a partir de espécies vegetais em extinção ou que implicam a morte, quase sempre ilegal, de animais. Por fim, tente compreender que cada cultura tem o seu próprio conceito de tempo e tradições. Não desespere se falta água quente no hotel. Pare de fazer comparações com o conforto que tem em casa ou noutros locais da Europa, caso viaje por África, América Latina ou Ásia.

Senão, o melhor é mesmo não se dar ao incómodo de atravessar oceanos e sofrer de jet-lag. Por outro lado, antes de entrar em locais sagrados pergunte se tal é possível a estrangeiros. Em caso de dúvida, abstenha-se de experimentar.

SER ROMANO EM ROMA

Ao cumprir todas estas indicações certamente terá um contacto mais estreito com as comunidades locais. Mas existe ainda outro modo de viajar, que, além de defender o ambiente, zela pela manutenção do património cultural e social das sociedades com maior afluência de visitantes, recusando, por exemplo, a estadia dos viajantes em lugares estranhos às comunidades. Em Portugal é divulgado pela associação Mó de Vida (www.modevida.com), que, não sendo uma agência de viagens, organiza, em conjunto com outras associações internacionais (enquanto não existir massa crítica em Portugal), expedições em Portugal e a países como Brasil e Nicarágua. A nível internacional o site www.responsibletravel.com sugere e organiza viagens à medida – para família, desportistas radicais, reformados à procura de puro descanso – sempre cumprindo as regras de boa vizinhança global. Não prometem dias de luxo e ostentação em todas as viagens, mas o que faltará em mordomias sobrarão com certeza em conhecimento. **R**



A Nova Zelândia é um paraíso para os amantes de paisagens intocadas e desportos radicais



Bazaruto tem apenas dois resorts. Ambos desenvolvem projectos com as comunidades locais, que assim aprendem a preservar a sua cultura ancestral

DESTINOS ECO

TIMOR

Apontado como um dos últimos paraísos da Ásia, Timor, antiga colónia portuguesa, começa a abrir as portas ao turismo, mas devagarinho. Quem visitar Timor não espere encontrar facilidades ou o típico luxo asiático, mas sim a genuinidade de um lugar perdido no “fim do mundo”, onde tudo ainda está por acontecer. Não possui boas estradas, redes de transportes públicos, campos de golfe, nem grandes resorts; “apenas” praias desertas banhadas por águas cálidas e paisagens tão distintas quanto as áreas montanhosas de Maubisse, Ermera e Ainaru; a savana de Lautém; as plantações de café e arroz de Bobonaro e Aileu, e a floresta tropical de Lore.

BAZARUTO, MOÇAMBIQUE

Nadar, em pleno Índico, na companhia de golfinhos, tartarugas e peixinhos coloridos. Ver o sol nascer no mar e pôr-se nas dunas após um dia morno que apetecia ser eterno. Procurar crocodilos, observar aves, passear a cavalo e perseguir baleias. Isto é só uma amostra do que se pode fazer em Bazaruto, a ilha maior que dá nome ao arquipélago composto, ainda, por Santa Carolina, Bengueria e Magaruque. Classificada como Parque Nacional e usufruindo de protecção especial pelas organizações World Wildlife Fund e Endangered Wildlife Trust, entre outras, Bazaruto oferece uma paisagem de sonho em estado quase selvagem.

NOVA ZELÂNDIA

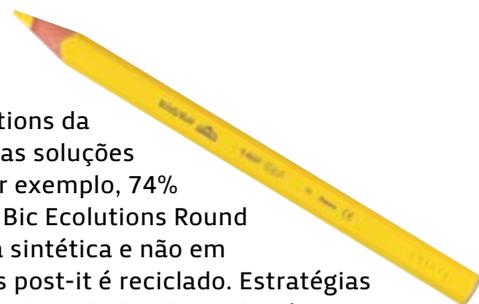
A Nova Zelândia conquista os visitantes pela beleza esmagadora das paisagens que serviram de cenário à trilogia *O Senhor dos Anéis*. A 30 horas de viagem, precisamente nos antípodas de Portugal, este é o lugar perfeito para todos os que não dispensam o contacto com a natureza e a prática de desportos radicais. A população vive da agricultura e do turismo, assente nas imensas riquezas naturais do país, onde as praias de areias brancas, a leste, competem na popularidade com os glaciares a apenas 15 km da costa oeste, e a rusticidade dos refúgios de montanha contrasta com o luxo dos lodges mais sofisticados.



Vê-se logo que
lê a Gingko

**GINGKO, UM MUNDO MELHOR EM REVISTA
EM BANCAS SELECCIONADAS DE TODO O PAÍS
REVISTA.GINGKO.PT**

SUSTENTABILIDADE É...



Quase sem rasto

Assim são os produtos da linha Ecolutions da Bic. Na área de papelaria, propõe várias soluções com reduzido impacto no planeta. Por exemplo, 74% da matéria utilizada na esferográfica Bic Ecolutions Round Stic é reciclada, os lápis são de resina sintética e não em madeira, e 80% do papel utilizado nos post-it é reciclado. Estratégias de sustentabilidade reconhecidas pela Association Française de Normalisation, que atribuiu à Bic o certificado NF Environment.

Tudo sobre eucaliptos

Qualidade e Utilização Tecnológica do Eucalipto é o título do livro lançado pelo Centro de Estudos Florestais do Instituto Superior de Agronomia, da Universidade Técnica de Lisboa. Fruto dos resultados científicos e do conhecimento produzido pelos investigadores do Centro, apresenta-se como obra de referência sobre o eucalipto e a sua madeira para fins industriais. Coordenado pela professora Helena Pereira, acompanhada por oito co-autores, divide-se em três grandes partes: qualidade do tronco, qualidade da madeira e utilização tecnológica. Um livro destinado, sobretudo, a estudantes e investigadores de ciências florestais, biologia, engenharia química e ciência dos materiais, técnicos de produção florestal e da indústria de produtos florestais.

Biocombustíveis em debate

Apontados como parte da solução para o fim da dependência energética em relação aos combustíveis fósseis, os biocombustíveis são o mote do seminário "Políticas e impactes dos biocombustíveis". Organizado pela Quercus, decorre no próximo dia 20, em Lisboa, no auditório da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, e conta com a presença de oradores de renome nacionais e internacionais. A entrada é livre, mas requer inscrição prévia. Mais informações: 213 462 210.

Cidades africanas

Urban Africa é o nome da exposição fotográfica do arquitecto David Adjaye, realizada a partir de um estudo sobre construção e padrões de urbanismo no continente africano. Mais de duas mil imagens, apresentadas em pequeno formato e reunidas num mural, mostram cidades como Kigali, capital do Ruanda, com traços coloniais; Aguja, na Nigéria, e as urbanizações informais na periferia; e Pretória, na África do Sul, com vestígios do apartheid. Um trabalho pouco comum, que caracteriza o perfil urbano das cidades africanas. Para ver até 31 de Julho, no Museu da Cidade, em Lisboa (entrada gratuita).



O primeiro Lagar Ecológico de Portugal



Lagar do Monte
Azeite Virgem Extra

Distribuído por:
El Corte Inglés
Grupo Jerónimo Martins

Olidal D.O.P.
Azeite Virgem Extra

Distribuído por:
El Corte Inglés

Herdade das Santas
Azeite Virgem Extra

Distribuído por:
Pingo Doce

Olidal
Azeite Virgem Extra
Galheteiro Azeite & Vinagre

olidal

Olidal - Olivicultores do Alentejo, CRL
Zona Industrial da Pandina | 7470-155 Santo Amaro SSL
tel. +351 268 552 236 | +351 268 552 113 | fax +351 268 552 237
geral@olidal.com | www.olidal.com



sociedade

ponto verde



Reciclar vidro
é dar e receber.

**Coloque as embalagens de vidro
no ecoponto verde e ajude-nos
a criar uma rede de salas de estudo.**

Sem um ambiente propício aos estudos, muitas crianças têm as suas expectativas de futuro fragilizadas. Assim, por cada tonelada de vidro reciclado, a Sociedade Ponto Verde vai contribuir com 1 euro para criar uma rede de salas de estudo em todo o país, para ajudar crianças de famílias carenciadas a estudar. Contamos consigo.

Não deixe uma boa causa acabar no lixo

ENTRAJUDA
UNIC. e INSTITUIÇÕES DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

SIC
esperança

